



*O livro da imitação e do esquecimento\**

**Luís S. Krausz\*\***

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

lkrausz@uol.com.br

Se acorda cedo no domingo e o tempo não está chuvoso, o Prof. Braunfels gosta de sair para uma caminhada matinal. O sol ainda está bem baixo e as ruas se enchem de sombras. As sombras se alongam sobre as calçadas e sobre o asfalto, como fragmentos da noite. As árvores e as casas iluminadas pela luz suave se transfiguram e emanam uma aura europeia. O ar está fresco, a umidade da noite permanece no ar e os pássaros cantam. A cidade está em silêncio. O Prof. Braunfels se alonga em sua caminhada matinal e alcança a estranha geografia do Jardim Europa. Por trás dos muros das casas enfileiradas nas ruas sombreadas por árvores antigas se escondem jardins cheios de plantas tropicais e de plantas exóticas, cujos perfumes impregnam o ar.

Ali no Jardim Europa a Polônia se encontra com a Suíça; Bucareste, Áustria e Alemanha estão numa encruzilhada e Luxemburgo se confronta com a Inglaterra. Outro dia, numa dessas caminhadas, quando passava pela esquina da Rua França com a Rua Holanda, o Prof. Braunfels se deparou com uma oferenda votiva de macumba. Esta não é uma visão incomum nas ruas dos bairros residenciais de São Paulo, que ficam desertas à noite e onde, mesmo durante o dia, pouca gente circula. Não é a primeira vez que o Prof. Braunfels se depara com um trabalho assim: numa tigela de barro estão arrumadas uma garrafa de pinga ou de espumante ordinário, velas vermelhas, um charuto, uma galinha morta. Desta vez, meio coberto por um pano vermelho, está um leitão morto. O focinho do leitão se ergue da beirada da tigela e aponta na direção da Rua Groenlândia e as patas do leitão foram decepadas. Os cascos fendidos apontam para a Rua Espanha e as vísceras do leitão estão expostas. Aqui está o intestino e lá está o fígado. O baço e os rins brilham sob a luz suave da manhã. Os pelos que cobrem a cabeça do leitão e o dorso do leitão são espessos, duros e castanhos. O Prof. Braunfels está acostumado a ver a carne de porco frita ou assada, mas o rosto do leitão que olha para a Rua Groenlândia é sinistro.

---

\* KRAUSZ, Luís. *O livro da imitação e do esquecimento*. São Paulo: Benvirá, Record, 2017. p. 273-278). Disponível em: <https://cutt.ly/7Wyu6ah>. Acesso em: 30 abr. 2021

\*\* Professor de Literatura Hebraica e Judaica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).



Para matar um porco ou um leitão é preciso dar uma facada no seu coração. Nem sempre a primeira facada acerta o coração do animal, que grita muito alto e esperneia. Agora, o Prof. Braunfels imagina o leitão sendo esfaqueado de madrugada, na esquina da Rua França com a Rua Holanda. Os gritos do porquinho acordam a vizinhança. Ou, talvez, ele tenha sido embebedado com pinga. Ou lhe deram na cabeça com a chave de roda do automóvel. O Prof. Braunfels imagina um grupo de pessoas que vêm no meio da noite, de algum bairro da periferia, num carro escangalhado, trazendo o leitão e a tigela e a faca, as velas e a cachaça. Ele não sabe nada sobre macumba.

No largo de Pinheiros, perto da igreja, há uma loja que vende todo tipo de utensílio de umbanda, mas ele nunca entrou ali e não pretende entrar ali. Ele imagina o leitão gritando e esperneando à noite, no coração do Jardim Europa. Os guinchos do leitão despertam os cachorros de raça, que dormem nos casarões. Os latidos dos cachorros de raça despertam seus donos e os empregados domésticos dos seus donos. Luzes se acendem. Depois, o silêncio da madrugada se restabelece. Uma névoa acalma os animais e tudo volta ao normal. O leitão estando morto, até os guardas de rua voltam a cochilar. Chega a manhã e eles não viram nada e não sabem de nada. Os pelos grossos e compridos do leitão brilham ao sol e ninguém sabe como ele surgiu ali. Logo virão as moscas.

O Prof. Braunfels se afasta dali, mas uma sensação incômoda se instalou em seu peito. Ele segue pela Rua Holanda em direção à Rua Atenas, mas o tecido fino da manhã já foi rasgado. Da Rua Atenas ele passa para a Rua Portugal e segue até a Fundação Ema Klabin, na esquina da Avenida Europa. O Prof. Braunfels já ouviu falar de cabeças de porco, mas ele nunca tinha visto uma cabeça de porco no Jardim Europa. O Prof. Braunfels já sabe que cabeça de porco é o nome pelo qual são conhecidos os cortiços e as favelas. Na esquina da Rua Iraci com a Rua Hungria – que foi excluída do Jardim Europa, alguém deve saber por qual motivo, e se estende ao longo do Rio Pinheiros, entre a Ponte Cidade Jardim e a Ponte Eusébio Matoso – há um prédio de apartamentos. Esse prédio foi desocupado há alguns anos e, conforme foi escrito nos jornais, deveria ser transformado num prédio de escritórios. Depois de passar alguns anos abandonado, esse prédio foi invadido por pessoas que o transformaram numa cabeça de porco.

O Prof. Braunfels não sabe quem são os novos moradores do seu bairro, mas quando ele avista o prédio em pandarecos não se alegra com o que vê. As vidraças estão quebradas e paredes de tijolos sem reboco aparecem nas varandas e nos buracos das janelas que foram arrancadas. O Prof. Braunfels pensa no leitão que foi morto à meia-noite na esquina da Rua Holanda com a Rua França e pensa nos moradores da cabeça de porco da Rua Hungria. Ele atravessa a Avenida Europa e segue pela Rua Áustria em direção à Avenida Faria Lima. A Avenida Europa corta o Jardim Europa em duas partes, como se fosse uma nova Cortina de Ferro. Mas não está claro para o Prof.



Braunfels o que fica de um lado desta fronteira e o que fica do outro lado desta fronteira porque de um lado estão a Polônia, Bucareste e a Suíça e do outro lado estão a Bélgica, a Turquia e a Rússia.

A Rússia e a Turquia não fazem parte da Europa, na opinião do Prof. Braunfels. São, quando muito, os subúrbios distantes do continente. Já a Hungria, que faz parte da Europa, não está no Jardim Europa, mas às margens do Rio Pinheiros. Toda essa geografia é muito confusa, e caminhar pelas ruas curvas do bairro que faz da Suécia e da Noruega vizinhas da Turquia, mas separadas da Dinamarca pela Cortina de Ferro, o deixa muito confuso. Principalmente quando, no meio do idílio de um passeio dominical, sob a luz suave da manhã, ele se depara com cabeças de porco assim, tanto na Rua Hungria quanto na Rua França e na Rua Holanda. Ele não entende isso.

Ao menos, a Rua Alemanha está dos dois lados dessa fronteira imaginária.

Ele se recolhe ao interior do seu apartamento e, depois de tomar o café da manhã com calma, ouve um CD de Schubert, sentado em sua poltrona. Ele ouve a “Sonata D. 960”, interpretada por Rudolf Serkin. O pianista Rudolf Serkin nasceu em 1903 em Eger. Eger era uma cidade da Boêmia austro-húngara e é hoje uma cidade tcheca. Eger fica junto à fronteira alemã e está a ocidente de Viena, mas, quando Rudolf Serkin nasceu, Eger era vista, em Viena, como uma localidade oriental e distante. Terminada a guerra, em 1945, Eger ficou do lado oriental da Cortina de Ferro. Rudolf Serkin cresceu num lar de língua alemã, mas hoje os moradores de Eger falam tcheco. Em Eger, Rudolf Serkin e sua família eram vistos como judeus pelos cristãos e como alemães pelos tchecos. Em Viena, Rudolf Serkin era visto como tcheco e como judeu.

Depois de emigrar para os Estados Unidos, Rudolf Serkin passou a ser visto como o mais vienense dos pianistas do século XX, e como o representante de uma tradição que remonta ao próprio Schubert. Na opinião do Prof. Braunfels, ninguém compreende Schubert melhor do que Rudolf Serkin e nenhum compositor criou sonatas para piano que possam ser comparadas às de Schubert. O Prof. Braunfels vem de uma família musical. Seu tio-avô era o compositor Walter Braunfels, que compôs a ópera *Die Vögel*, baseada na comédia *As aves*, de Aristófanes. Ele ouve Schubert e ouve Rudolf Serkin e se esquece das cabeças de porco e se esquece do Rio Pinheiros. Ele se esquece até mesmo da praga de mosquitos. Ele ouve Schubert, e se lembra do seu tio-avô.

A história da família do Prof. Braunfels é quase tão confusa quanto a geografia do Jardim Europa. Walter Braunfels trabalhou na composição de *Die Vögel* durante seis anos e terminou sua obra em 1919. A ópera estreou em Munique no ano seguinte. Walter Braunfels era o filho mais novo de uma família de Frankfurt, que se interessava pelas artes. Seu pai era o jurista e crítico de literatura Ludwig Braunfels, que tinha se convertido do judaísmo para a fé evangélica. Sua mãe era Helene Spohr, sobrinha-neta do compositor Louis Spohr e amiga de Clara Schumann e Franz Liszt.



Depois do sucesso de sua ópera fantástica *A Princesa Brambilla*, Walter Braunfels passou a ser visto pela crítica como um representante inovador da nova música alemã.

-----

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/03/2021.